A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com ISSN 2594-8245 Volume 5 setembro 2021

Número 7

Pujol-Luz, J.R.; Tomazini, A.R. & Almeida, M.C. Animais e arquétipos zoomórficos na iconografia da Força Aérea Brasileira 123-141

Assis, R.E.M.T.P. Resenha de livro: Tardígrados animados! 142-144

A Bruxa, 2021
v. 5, n 7, p. 123-141

www.revistaabruxa.com
Rio de Janeiro, RJ

ISSN 2594-8245

Animais e arquétipos zoomórficos na iconografia da Força Aérea Brasileira

José Roberto Pujol-Luz[1]*; Ari Robinson Tomazini[2] & Madison Coelho de Almeida[3]

1- Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF
2- Força Aérea Brasileira (FAB), Natal, RN
3- Força Aérea Brasileira (FAB) / Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), Rio de Janeiro, RJ
*jrpujol@unb.br

Resumo

"Bolacha" é o nome tradicional dado aos grafismos usados por militares nos uniformes de voo, em pinturas na superfície dos equipamentos e veículos (inclusive em aviões), nas paredes das instalações físicas, em medalhas e outros "tokens" de reconhecimento por méritos diversos e, principalmente, como sinal de pertinência. A simbologia neles presente apoia-se em arquétipos para transmitir os sentidos operacionais, sociais, psicológicos ou culturais pretendidos. A Força Aérea Brasileira não foge a essa tendência; no entanto, o uso frequente de animais como símbolos de unidade em suas bolachas é digno de nota e merece mais evidenciamento. Neste artigo identificamos, catalogamos e analisamos o uso de diferentes animais em bolachas na Força Aérea Brasileira. Para tal, primeiro classificamos esses animais em suas respectivas categorias taxonômicas e buscamos o significado histórico e cultural associado, que fundamentam a escolha de cada representação. Finalmente, examinamos as relações entre as unidades da Força Aérea Brasileira e a fauna local, circundante às respectivas unidades, como fator determinante da presença de animais endêmicos nas bolachas. Neste trabalho concluímos que a representação simbólica de animais em bolachas da Força Aérea Brasileira é um instrumento para transmitir conotações psicossociais que estão ligadas à missão, às localidades geográficas e paisagens (fitofisionomias) e/ou à formação histórica de cada unidade militar. Como tal, reflete os papéis psicológicos, sociais e culturais mais amplos desempenhados pelos animais e sua importância simbólica na vida humana.

Palavras-chave: bolacha; heráldica; militar; símbolo; taxonomia; Zoologia Cultural.

Abstract

Animals and zoomorphic archetypes in the iconography of the Brazilian Air Force

Uniform patches are a common feature in military forces worldwide and are used to identify and distinguish different units. Illustrations in these patches are often laden with symbology, making use of different archetypes to convey operational, social, psychological and cultural meanings. The Brazilian Air Force is no exception; however, the frequent use of animals as unit symbols in its patches is noteworthy and merits further exploration. In this paper we identify, catalog and analyze the use of different animals in patches in the Brazilian Air Force. Once the animal representations are sorted into their taxonomic categories, we add the historical and/or cultural meanings associated to each one, thus obtaining the rationales behind each choice. Finally, we examine the relationships between the Brazilian Air Force units and the local fauna, surrounding their respective units as a determining factor for the presence of endemic animals in the patches. In this work, we conclude that the symbolic representation of animals in patches of the Brazilian Air Force is an instrument to convey psychosocial connotations that are connected with each military unit's mission, geographical localities and landscapes (phytophysiognomies) and/or historical background. As such, it reflects the broader psychological, social and cultural roles played by animals and their symbolic importance in human life.

Keywords: Cultural Zoology; heraldry; military; patch; symbol, taxonomy.

> Iavé... criou uma cultura com suas limitações, hierarquias e ordem; e Adão deu nome a cada ser vivente. Sem o Éden não existiria Adão e Iavé fez o Éden em primeiro lugar, dispondo ambiente para que vivesse o ente criado. [...] Interessa saber como o homem viveu e vive em qualquer ponto da Terra e quais os elementos de que dispôs para dominar o tempo e sobreviver. Como foi que ele derramou um senso de magia em todas as cousas e, de caçador paleolítico, fundou os grandes impérios resplandecentes. Ao arqueólogo, ao biologista, ao químico, ao sociólogo, ao folclorista, ao antropologista competem elucidações e rumos. (CASCUDO, 1983: 26)

> *Je voudrais peindre la façon dont un oiseau chante*. (Claude Monet)
> [Queria pintar do jeito que um pássaro canta – T. dos A.]

Introdução

A formiga é trabalhadora incansável, a lagarta é lenta, o cão é amigo fiel, a coruja sábia, a raposa esperta, a cobra traiçoeira. JUNG (2000) afirmou que não é mera coincidência a construção de um certo "senso comum", senão fruto de valores herdados, que chamou de arquétipos, e que são universais. Características arquetípicas de animais, reais ou percebidas, são encontradas no imaginário popular mundo afora. Animais ou figuras zoomorfas podem ser encontrados em atributos de deuses, santos, heróis e monstros das mais diversas culturas, desde as gravuras rupestres até os desenhos e animações digitais da atualidade. A arte usa os arquétipos de que necessita para mais facilmente transmitir sua mensagem. Tais arquétipos, fundados nas percepções sedimentadas pelos grupos humanos, habitam o inconsciente coletivo, juntamente com o sistema de valores de uma sociedade e sua hierarquização, em formato que JUNG (2000) classificou como "pré-verbal". A conservação e a propagação desse conhecimento não formalmente estruturado em direção ao futuro dependem da criação de uma representação concreta que lhe sirva de veículo.

Conceitualmente, ao longo deste trabalho, entenderemos o arquétipo junguiano como Junito de Souza Brandão:

> Arquétipo, do grego *arkhétypos*, etimologicamente, significa modelo primitivo, ideias inatas. Como conteúdo do inconsciente coletivo foi empregado pela primeira vez por Jung [...]. Normalmente ou didaticamente, se distinguem dois tipos de imagens [arquetípicas]:
> - imagens (incluídos os sonhos) de caráter pessoal... que podem ser explicadas pela anamnese individual; e
> - imagens (incluídos os sonhos) de caráter impessoal, que não podem ser incorporadas à história individual. Correspondem a certos elementos coletivos: são hereditárias. (BRANDÃO, 2000: 38)

O mesmo autor recomendou a leitura de sua fonte principal:

> Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre e a priori. (JUNG, 2000: 17)

1. Atributos são "marcas" convencionadas pela tradição que identificam a figura representada. Uma estátua feminina se torna Atena se ao seu lado houver uma coruja ou um escudo, Ártemis se houver uma corça ou um arco; uma criança ao colo de um homem o identifica como São José; o martelo é o atributo do deus nórdico Thor; a balança, a espada e a venda nos olhos indicam a Justiça. (N. dos A.)

2. Brandão, herdeiro por sua vez do pensamento de Roland Barthes e Mircea Eliade, além do de Carl Jung, usa a palavra "hereditárias" no sentido de "herdadas", sem as conotações advindas da genética. Uma determinada sociedade "aprendeu" um valor ao longo da existência e esse valor é passado, por instrumentos de transmissão cultural (entre os quais, mitos, ícones, manifestações artísticas e religiosas e, como demonstraremos, bolachas) aos seus pósteros. (N. dos A.)

Quanto ao conceito de “símbolo” e “simbolizar”, no escopo do nosso estudo, será entendido como definiu GEERTZ (2008: 69):

> Qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção — a concepção é o "significado" do símbolo — e é essa abordagem que seguirei aqui. O número 6, escrito, imaginado, disposto numa fileira de pedras ou indicado num programa de computador, é um símbolo. A cruz também é um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente... Todos eles são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças... No que concerne aos padrões culturais, isto é, os sistemas ou complexos de símbolos, o traço genérico de primordial importância para nós, aqui, é que eles representam fontes extrínsecas de informações [...] Com "fontes de informação" eu quero dizer apenas que — como os genes — eles fornecem um diagrama ou gabarito em termos do qual se pode dar forma definida a processos externos a eles mesmos. Assim como a ordem das bases num fio de DNA forma um programa codificado, um conjunto de instruções ou uma receita para a síntese de proteínas estruturalmente complexas que modelam o funcionamento orgânico, da mesma maneira os padrões culturais fornecem tais programas para a instituição dos processos social e psicológico que modelam o comportamento público.

DA-SILVA & COELHO (2016: 25) afirmaram que tais questões guardam pertinência ao campo da Zoologia Cultural. JUNG (2016) traçou um paralelo entre visões asiática e europeia do significado dos animais, com diferenças fundadas nas culturas religiosas. Tal observação descreve a percepção dos símbolos e sua acepção (percebida) em outras partes do mundo.

> Tomemos como outro exemplo o caso de um indiano que, após uma visita à Inglaterra, contou na volta aos seus amigos que os britânicos adoravam animais, isto porque vira inúmeros leões, águias e bois nas velhas igrejas. Não estava informado (tal como muitos cristãos) que estes animais são símbolos dos evangelistas, símbolos provenientes de uma visão de Ezequiel que, por sua vez, tem analogia com Horus, o deus egípcio do Sol e seus quatro filhos. Existem, além disso, objetos tais como a roda e a cruz, conhecidos no mundo inteiro, mas que possuem, sob certas condições, um significado simbólico. (JUNG, 2016: 20)

Ainda acerca do imaginário valendo-se de representações, com influência sobre a simbologia dos arquétipos, JUNG (2016) descreveu:

> É claro que existem sonhos e símbolos isolados (preferia chamá-los "motivos") típicos, e que ocorrem com bastante frequência. Entre estes motivos estão a queda, o voo, a perseguição feita por animais selvagens ou por pessoas inimigas, sentir-se insuficiente ou impropriamente vestido em lugares públicos, estar-se apressado ou perdido no meio de uma multidão tumultuada, lutar com armas inúteis ou estar sem meios de defesa, correr muito sem chegar a lugar algum. (JUNG, 2016: 53)

O poder do significado dos animais faz deles símbolos privilegiados, como afirmou CIRLOT (1992):

> [os animais] desempeñan un papel de suma importancia en el simbolismo, tanto por sus cualidades, actividad, forma y color, como por su relación con el hombre. (CIRLOT 1992: 69-71)[3]

3. [os animais] desempenham um papel de suma importância no simbolismo, tanto por suas qualidades, atividade, forma e cor, quanto por sua relação com o ser humano. (N dos A.)

Com maior ou menor grau de percepção acerca desse mecanismo, é frequente que frações de tropas militares façam-se representar por animais em suas "bolachas". Uma bolacha pode ser um grafismo qualquer, o mais das vezes realizado com algum humor e certas preocupações em relação à ortodoxia heráldica. Bolachas são usadas nos uniformes de voo, em pinturas na superfície dos equipamentos e veículos (inclusive em aviões), nas paredes das instalações físicas, em medalhas e outros "*tokens*" de reconhecimento por méritos diversos e, principalmente, como sinal de pertinência. Um exemplo do uso dessas representações em nosso país pode ser visto nas bolachas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, que caracterizaram, respectivamente, nossa Força Aérea (Senta a pua!) e nosso Exército (A cobra vai fumar) (Figura 1).

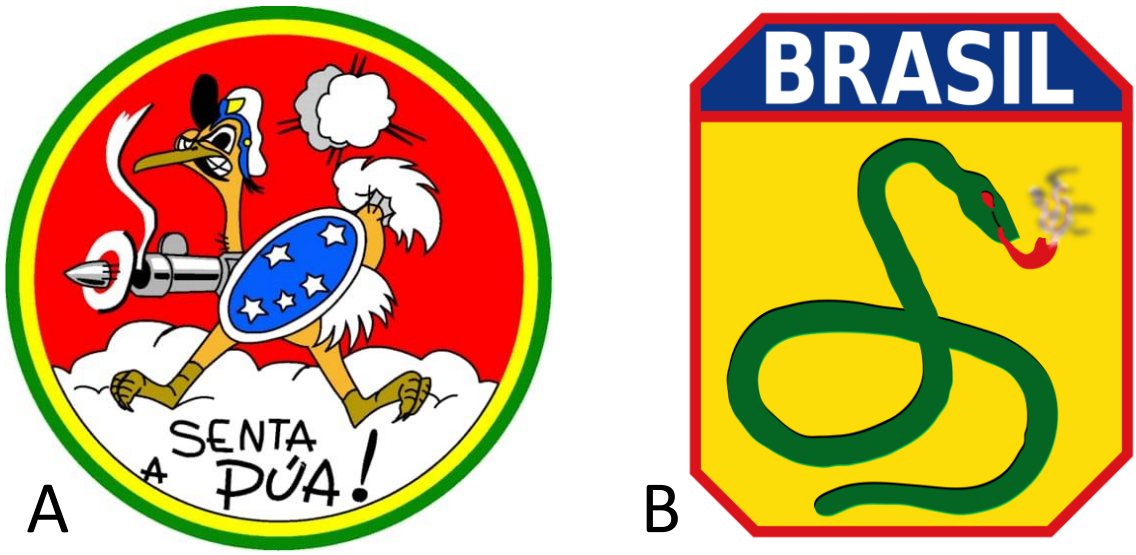


Figura 1. **A**– Bolacha "Senta a pua!" da Força Aérea Brasileira (modificado de https://twitter.com/editoradraco/status/1313934832133603328/photo/1); **B**– Bolacha "A cobra vai fumar" da Força Expedicionária Brasileira (modificado de https://pt.wikipedia.org/wiki/A_cobra_vai_fumar).

Entretanto, essa ornamentação não se confunde com os distintivos, brasões ou com insígnias oficiais, esses sim elaborados conforme a tradição heráldica e de aplicação formal nas forças armadas de diferentes países. Por exemplo, de acordo com o Manual de Identidade Visual da FAB (BRASIL, 2021), o símbolo da Força Aérea Brasileira é o Gládio Alado. O gládio[4] representa o poder da Nação, enquanto as asas estilizadas representam a componente aérea desse poder. Representações iconográficas incluindo aves ou referências a aves também podem ser vistas nos símbolos das forças aéreas da Espanha e da França (Figura 2B-C).

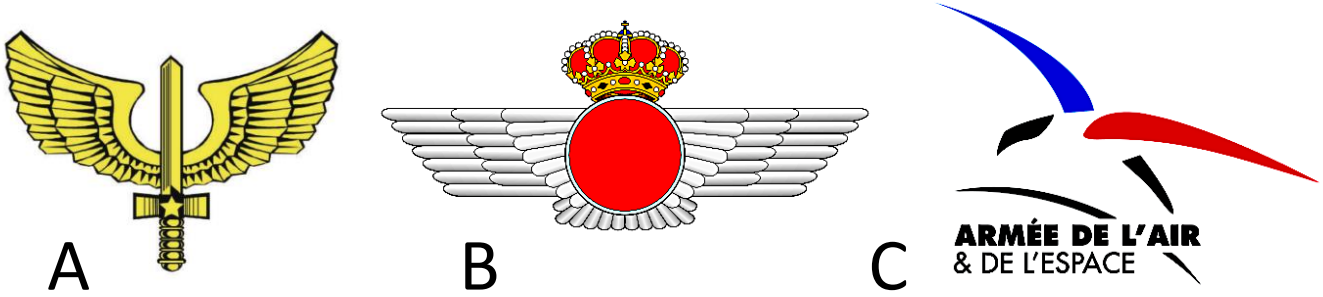


Figura 2. **A**– O gládio alado da Força Aérea Brasileira; **B**– As asas do *Ejército del Aire* da Espanha; **C**– Um pássaro do *Armée de L'Air & de L'Espace*, da França [fontes: FAB, https://www.fab.mil.br/downloads/listagemManualMarca (06/03/2021); Espanha, https://es.wikipedia.org/wiki/Ejército_del_Aire_(España) (06/03/2021); França, https://en.wikipedia.org/wiki/French_Air_and_Space_Force (06/03/2021)].

4. Gládio. Tipo de espada de combate curta com dois gumes. Representação do poder militar.

Neste trabalho buscamos identificar e analisar a presença de animais nessa forma particular de arte, voltada para consumo *interna corporis*, aquela encontradiça nos símbolos identitários de unidades militares da Força Aérea Brasileira, especialmente, mas não exclusivamente de unidades aéreas.

Material e métodos

O Instituto Histórico e Cultural da Aeronáutica (INCAER) é o órgão central para o registro da simbologia das Unidades da Força Aérea Brasileira (FAB) e regula a existência das bolachas que contêm os emblemas das unidades (INCAER, 2021): emblemas são figuras com a finalidade de representar simbolicamente "a missão, a história e fatos marcantes das Organizações Militares do Comando da Aeronáutica", segundo a legislação pertinente.

> "Podem conter em seu campo diversos símbolos. Seu estudo, bem como sua elaboração e descrição seguem parâmetros e padrões que competem à Heráldica [...]. O Distintivo de Organização Militar (DOM), sendo cópia fiel do emblema, deve ser usado nos uniformes a fim de identificar a organização militar a que pertence o militar ou servidor civil". (INCAER, 2021)

Entre as bolachas de unidades da Força Aérea Brasileira catalogadas pelo INCAER[5], foram encontradas 62 bolachas que continham animais e desconsideradas as que não continham. Há quatro bolachas que contêm mais de um animal. As imagens de animais foram separadas entre figuras de animais reais e figuras de animais imaginários ou mitológicos.

Para os propósitos deste trabalho, importa a percepção que o público tem dos arquétipos representados. Por exemplo, o táxon *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) recebe centenas de nomes vulgares (Papavero, 2017), dependendo de como as diferentes populações humanas percebem e se relacionam com a fauna circundante. Nas bolachas da FAB, ora *Panthera onca* ocorre como onça, ora como pantera, ora como jaguar. Tais nomes populares estão incorporados à identidade coletiva das unidades. O 1º Grupo de Defesa Aérea se autodenomina Jaguar, seus componentes se dizem jaguares e não onças. Ao tornar-se plenamente operacional, o piloto de caça recebe o nome Jaguar e um número sequencial, como Jaguar 123, o que significa que ele é o 123º a ser aceito como Jaguar. Analogamente, outra unidade da FAB, o 1º Esquadrão do 15º Grupo de Aviação, nomina seus pilotos como Onças.

Portanto, os animais presentes nas bolachas foram identificados no sentido do nome popular para a identidade taxonômica. Ao longo da discussão dos achados, mais de um nome popular poderá corresponder a um mesmo táxon.

Os animais reais foram identificados usando-se como referência as descrições das composições heráldicas dos emblemas conforme catalogadas pelo INCAER e, como base para sua identificação e caracterização, utilizamos, respectivamente, Sick (2001) e Reis *et al*. (2006). Após o reconhecimento dos animais representados por seu nome vulgar, eles foram identificados nas categorias taxonômicas superiores de classe e de ordem, e no nível da espécie, quando possível, nos casos mais evidentes, pelas características propriamente ditas dos táxons figurados, já caracterizadas no grafismo ou pela descrição formal (INCAER, 2021) dos motivos heráldicos. Os animais mitológicos ou imaginários foram identificados por seus nomes próprios e as discussões sobre suas características e significado são apresentadas de acordo com as descrições heráldicas (INCAER, 2021).

Resultados e discussão

Nas 62 bolachas examinadas, individualizamos dois aracnídeos, 43 aves, um réptil e seis mamíferos (Tabela 1), totalizando 50 táxons, 18 dos quais puderam ser identificados no nível da espécie. Além desses, 12 animais mitológicos (Tabela 3), foram identificados em oito arquétipos ou animais imaginários.

5. https://www2.fab.mil.br/incaer/index.php/heraldica.

Tabela 1. Unidades da Força Aérea Brasileira, suas características (tipo) e os animais representados.

	Unidade	Tipo da Unidade	Animal (Arquétipo)	Classe	Identidade taxonômica mais precisa
1	1º GTT	Aviação de Transporte	Águia	Aves	Accipitriformes
2	1º/1ºGT	Aviação de Transporte	Águia	Aves	Accipitriformes
3	2ª FAE	Força Operativa	Águia	Aves	Accipitriformes
4	2º/1º GTT	Aviação de Transporte	Águia	Aves	Accipitriformes
5	AFA	Instrução Militar/Aérea	Águia	Aves	Accipitriformes
6	BAGL	Base Aérea	Águia	Aves	Accipitriformes
7	BASM	Base Aérea	Águia	Aves	Accipitriformes
8	CABW	Comissão Aeronáutica	Águia	Aves	Accipitriformes
9	CGABEG	Saúde	Águia	Aves	Accipitriformes
10	CIAAR	Instrução	Águia	Aves	Accipitriformes
11	COMAER	Comando da Aeronáutica	Águia	Aves	Accipitriformes
12	CPBV	Campo de Provas	Águia	Aves	Accipitriformes
13	EDA	Demonstração Aérea	Águia	Aves	Accipitriformes
14	EPCAR	Instrução Militar	Águia	Aves	Accipitriformes
15	ETA 6	Aviação de Transporte	Águia	Aves	Accipitriformes
16	PABQ	Prefeitura de Aeronáutica	Águia	Aves	Accipitriformes
17	PIPAR	Administração	Águia	Aves	Accipitriformes
18	SECINT	Inteligência	Águia	Aves	Accipitriformes
19	GCC	Comunicações & Controle	Aranha	Arachnida	Araneae
20	1º/9º GAv	Aviação de Transporte	Arara	Aves	*Ara chloropterus*
21	1º/1º GAvCa	Aviação de Caça	Avestruz	Aves	*Struthio* sp.
22	2º/5º GAv	Instrução Aérea/ Aviação de Caça	Avestruz e pinguim	Aves	*Struthio* sp. / *Spheniscus magellanicus*
23	1º/4º GAv	Aviação de Caça	Cão	Mammalia	*Canis lupus familiaris*
24	ETA 2	Aviação de Transporte	Cão	Mammalia	*Canis lupus familiaris*
25	1º/6º Gav	Aviação de Reconhecimento	Carcará	Aves	*Caracara plancus*
26	3º/8º GAv	Aviação de Asas Rotativas	Carcará	Aves	*Caracara plancus*
27	PAMARF	Parque de Material	Carcará	Aves	*Caracara plancus*
28	FAYS	Administração	Coruja e boi	Aves/ Mammalia	Strigiformes / *Bos taurus*
29	1º/3º GAv	Aviação de Caça	Escorpião	Arachnida	Scorpiones
30	1º/8º GAv	Aviação de Asas Rotativas	Falcão	Aves	Falconiformes
31	CINDACTA I	Controle do Espaço Aéreo	Falcão	Aves	Falconiformes
32	ETA 3	Aviação de Transporte	Falcão	Aves	Falconiformes
33	1º/5º GAv	Instrução Aérea/ Aviação de Transporte	Galo-de-campina	Aves	*Paroaria dominicana*
34	PAGW	Prefeitura de Aeronáutica	Garças	Aves	*Ardea alba*
35	PACG	Prefeitura de Aeronáutica	Garças e joão-de-barro	Aves	*Ardea alba / Furnarius rufus*
36	1º/11º GAv	Instrução Aérea/ Aviação de Asas Rotativas	Gavião	Aves	Accipitriformes
37	PAAK	Prefeitura de Aeronáutica	Guará	Aves	*Eudocimus ruber*
38	2º/6º GAv	Aviação de Reconhecimento	Harpia	Aves	*Harpia harpyja*
39	7º/8º GAv	Aviação de Asas Rotativas	Harpia	Aves	Falconiformes
40	BINFAEMN	Infantaria	Harpia	Aves	*Harpia harpyja*
41	CINDACTA IV	Controle do Espaço Aéreo	Harpia	Aves	*Harpia harpyja*
42	1º GDA	Aviação de Caça	Jaguar	Mammalia	*Panthera onca*
43	1º/15º GAv	Aviação de Transporte	Onça	Mammalia	*Panthera onca*
44	5º/8º GAv	Aviação de Asas Rotativas	Pantera	Mammalia	*Panthera onca*
45	1º/14º GAv	Aviação de Caça	Papagaio	Aves	*Amazona aestiva*
46	2º/10º GAv	Aviação de Busca e Resgate	Pelicano	Aves	*Pelecanus occidentalis*
47	2º/1º GAvCa	Aviação de Caça	Pinguim	Aves	*Spheniscus magellanicus*
48	SEGECAE	Administração	Pombo	Aves	*Columba livia*
49	CINDACTA II	Controle do Espaço Aéreo	Quero-quero	Aves	*Vanellus chilensis*
50	ETA 1	Aviação de Transporte	Tracajá	Reptilia	*Podocnemis unifilis*

A representatividade dos animais e sua relação com a Força Aérea Brasileira

Na Força Aérea Brasileira o desenho das bolachas, ou seja, dos desenhos e pinturas de identificação na fuselagem dos aviões e nos uniformes de voo, remete ao costume das tropas estadunidenses assimilado pela nascente Força Aérea Brasileira por ocasião do contato durante a Segunda Guerra Mundial. A primeira bolacha criada foi desenhada pelo então Tenente Fortunato, em 1944 (Figura 3), aviador de combate e desenhista nas horas vagas. Seu desenho do avestruz ficou famoso e passou a representar o 1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAvCa) e o guerreiro aéreo brasileiro em solo estrangeiro. Em solo brasileiro, a tradição das bolachas continuou nas unidades brasileiras de patrulha, bombardeio e instrução, passando a fazer parte das manifestações simbólicas da cultura aeronáutica militar (INCAER, 2021).

Figura 3. Major Brigadeiro Fortunato Câmara de Oliveira quando tenente, autor da bolacha do avestruz (Fonte: https://web.facebook.com/segundaguerraeseusfatos/)

Verifica-se no mosaico apresentado na Figura 4 a predominância das aves nas representações das unidades aéreas, ou esquadrões, da Força Aérea Brasileira. Diferentemente da sugestão da liberdade trazida por pássaros, presente em emblemas de outros grupos associativos (Codá *et al*., 2018: 486), a FAB optou por tais animais como caracterização da atividade ou função exercida pelo esquadrão e/ou como referência a características regionais (endêmicas) do animal ou grupo. Em outras palavras, trata-se de arquétipos referentes ao que o esquadrão "faz" e/ou ao lugar onde está sediado.

Como exemplos temos: a) a arara, representada no símbolo do 1º Esquadrão do 9º Grupo de Aviação (1º/9º GAv), baseado em Manaus, AM (animal que dá nome àquela unidade); b) o carcará e c) a harpia, que respectivamente estão presentes na simbologia dos 1º e 2º Esquadrões do 6º Grupo de Aviação. Esses, baseados em Anápolis, GO, são unidades da aviação de reconhecimento. São equipados com aviões dotados de radares de longo alcance e outros sensores de largo espectro, cujo múnus é a obtenção de consciência situacional acerca do meio circundante. Como tal, a representação aqui se dá através de aves vigilantes, que com grande alcance visual escrutinam suas presas. O 2º Esquadrão é denominado "Guardião": o alvo de seus sensores podem ser outros aviões ou alvos em solo ou subsolo, potencialmente agressores do espaço aéreo nacional; o 1º Esquadrão leva o próprio nome da ave: "Esquadrão Carcará".

Figura 4. Mosaico de algumas bolachas de esquadrões da FAB (fonte: modificado de INCAER, 2021).

O significado simbólico, de JUNG (2000), encontra representatividade tanto histórica como cultural em simbologias diversas. No caso específico deste estudo, um réptil, dois aracnídeos e seis mamíferos, juntam-se às já citadas 42 aves nos emblemas das unidades da Força Aérea Brasileira. Em uma unidade, mamífero e ave estão conjuntamente representados. A Tabela 1 descreve-os, em termos de unidades operacionais e administrativas.

A Tabela 2 apresenta o significado evocado, segundo a descrição heráldica (INCAER, 2021), dos animais em tela.

Tabela 2. Unidades da Força Aérea Brasileira e significados dos animais presentes nos símbolos (fonte: INCAER)

Unidade	Nome vulgar	Significado evocado no site do INCAER
1º GTT	Águia	Realeza, poder, vitória
1º/1ºGT	Águia	Autoridade e potência
2a Fae	Águia	Nobreza e coragem
2º/1º GTT	Águia	Poder, vitória, arrojo
BAGL	Águia	Nobreza
CABW	Águia	Vitória e poder
CIAAR	Águia	Vitória, poder
COMAER	Águia	Vitória, poder, prosperidade, domínio e liberdade
CPBV	Águia	Vitória, poder, prosperidade, domínio e liberdade
EDA	Águia	Coragem e nobreza
ETA 6	Águia	Vigilância, alerta
CGABEG	Águia (em atitude de pouso)	Descanso, abrigo
AFA	Águia (estendida)	Aviação como arma
SECINT	Águia (sustentando um esplendor)	Saber, esclarecimento, grandeza
PIPAR	Águia (voando em direção ao ocaso)	Descanso do que é nobre e valoroso
GCC	Aranha (teia)	Controle do ambiente circundante
1º/9º GAv	Arara	Referência à região geográfica
1º/16º GAv	Ave antropoide (de cujos olhos sai um feixe de luz)	Localização precisa dos alvos
1º/6º GAv	Ave de rapina	Visão, vigilância
1º/1º GAvCa	Avestruz	Razões históricas
2º/3º GAv	Basilisco e grifo	Basilisco: mortífero; grifo: a força do leão e a energia da águia celeste
1º/4º GAv	Cão buldogue	Guarda, adestramento
3º/8º GAv	Carcará	Espreita, prontidão
PAMARF	Carcará	Vigilância e alerta, também referência à região geográfica
FAYS	Coruja e boi	Coruja: preservação da fauna local; boi: pecuária
BASV	Delfins (e arco do sagitário)	Delfins: referência à posição litorânea da cidade; arco do sagitário: nexo entre o céu e a terra
CINDACTA I	Falcão	Intrepidez e denodo frente ao inimigo
ETA 3	Falcão	Coragem, determinação, pioneirismo
BAPV	Fênix	Águia: poder aéreo; fênix: retomada da ocupação militar na área
1º/5º Gav	Galo-de-campina	Referência à região geográfica
PAGW	Garças	Símbolo da cidade de Guaratinguetá
PACG	Garças e joão-de-barro	Garça: referência à região geográfica; joão-de-barro: moradia, abrigo
PAAK	Guará	Referência à região geográfica
CINDACTA IV	Harpia	Vigilância, percepção a longa distância
2º/6º Gav	Harpia (gavião-real)	Penetração da visão
1º GDA	Jaguar	Predador
1º/10º Gav	Leão heráldico	Coragem, garra
1º/15º Gav	Onça	Referência à região geográfica
1º/7º Gav	Orungan (águia estilizada)	Superioridade do elemento aéreo sobre o aquático
ALA3	Pégaso	Poder ascensional das forças naturais
BACO	Pégaso	Poder ascensional das forças naturais
ETA 5	Pégaso	União do cavalo de montaria, típico da região, com o meio aéreo.
2º/10º Gav	Pelicano	Abnegação, sacrifício
SEGECAE	Pombo	Correspondência Ligação, transporte da correspondência
CINDACTA II	Quero-quero	Referência à região geográfica
ETA 1	Tracajá	Confiabilidade da marcha
BINFAEMN	Uiruuetê (gavião-real)	Referência à região geográfica

Acerca da iconografia mitológica e imaginária, a Tabela 3 concentra as unidades da FAB que a usam, sejam os símbolos de origem literária ou da cultura heráldica.

Tabela 3. Unidades da Força Aérea Brasileira e os arquétipos zoomórficos representados.

Unidade	Arquétipo zoomórfico
1º/16º GAv	Ave antropoide
2º/3º GAv	Basilisco e grifo
3º/10º GAv	Centauro
2º/7º GAv	Fênix
BAPV	Fênix
1º/10º GAv	Leão heráldico
CABE	Leão heráldico
1º/7º GAv	Orungan
ALA3	Pégaso
BACO	Pégaso
ETA 5	Pégaso

Assim temos entre os arquétipos que relacionam a função da unidade aérea e características percebidas dos animais, além da visão aguda das aves de rapina: (1) as mesmas aves de rapina, já agora representando sua agressividade, como símbolo dos esquadrões cuja missão é projetar o poder nacional; (2) mamíferos predadores (onça, jaguar) pelo mesmo motivo; (3) o pelicano (eucarístico) que, diz-se, fere o próprio peito para alimentar os filhotes, como símbolo dos esquadrões de busca e salvamento, cujos tripulantes põem suas vidas em risco "para que outros possam viver"[6] e cujo simbolismo será abordado mais detalhadamente adiante; (4) a aranha ou, mais precisamente, sua teia, nos Grupos de Comunicação e Controle (GCC) que operam radares em terra e orgulham-se de estar atentos a qualquer intruso que "caia" em sua teia de vigilância do espaço aéreo nacional; intruso que, do ponto de vista da aranha, passa a ser considerado "presa"; (5) o centauro, símbolo do domínio da razão sobre a força e aqui do domínio do piloto sobre a máquina voadora; (6) o cão de guarda portando um porrete, de simbologia óbvia; (7) o pica-pau em atitude de orientar um filhote (Figura 5), em bolacha do esquadrão de instrução aérea da Academia da Força Aérea (formação de pilotos).

Figura 5. Bolacha de instrutor dos Esquadrões de Instrução Aérea, da Academia da Força Aérea e instrutora carregando a criança (fonte: https://www.facebook.com/afamilitar/photos/a.577701832291446/3002802516448020/?__cft__[0]=AZX256Lb_SoJFRhDHVwB3mcWlhc8PCfwdIfsTxiaBvUlwlscYpVlOy0HXjmVUTy012Pv4cvcU88e3E_x9jTlJWCIc0eNnfbprvyqd6juuVseORez4qTUbgiUgBHCRcduP1sv8gw01DpuVgl30ndBE58b&__tn__=EH-R. Acessado em 12/08/2021).

6. Lema do 2º Esquadrão do 10º Grupo de Aviação.

Entre aqueles com motivação histórica ou regional, citamos: o galo-de-campina, característico da região, que chamou a atenção dos militares ao se instalar em Natal, RN, que, aliás, tem na mão um coco verde, fruto também típico da região; a arara, representando a selva amazônica; a onça-pintada, que pode ser em variedade melânica (onça-preta), habita do México à Argentina, representativa de lutas e de transformações, presente desde as culturas pré-colombianas na simbologia e nas tradições. A *Panthera onca*, também denominada "jaguar" ou "pantera", a depender da região, está representada em três unidades aéreas da FAB: o 1º/15º GAv (Esquadrão Onça), o 1º GDA (Esquadrão Jaguar) e o 5º/8º GAv (Esquadrão Pantera). Três aviações distintas, de transporte, de caça e de asas rotativas (helicópteros), respectivamente, três grupos sociais entre os quais não há correspondência necessária de valores culturais, ostentam como emblema o aguerrido felino, o maior representante da família dos gatos nas Américas (Figuras 11, 12 e 13). CIRLOT (1992) atribui ao felino em atitude "domada" o valor de "*figura alegórica de la fuerza y el valor militar puestos al servicio del derecho*"[7] . O tigre, como o dragão, aparece, segundo o autor do Dicionário de Símbolos, em dois estados diferentes. O "domado" já citado e o "selvagem". Nesse último caso simboliza a escuridão e o descontrole das potências inferiores e do instinto. Apropriado, como se vê, para uma organização cujo fim é a guerra. Justa, mas guerra.

SUSSEKIND (2018: 86), a respeito da representação iconográfica da espécie, traz-nos a onça ligada a aspectos da natureza:

> A ligação entre o jaguar e o ciclo das águas, manifesta nas festas mexicanas, é um dos aspectos do simbolismo dos felinos entre os povos nativos do continente, e os elementos que sustentam essa tese são encontrados em diferentes culturas.

Especificamente acerca dos sul-americanos e a representatividade da onça para os mesmos, o autor revela questões que vão da força à justificação da antropofagia. Ser comparado a um jaguar é distinção; é poder que justifica até mesmo se alimentar da própria espécie.

> Para os povos Tukano, por exemplo, que vivem na região amazônica do Alto Rio Negro, entre Brasil e Colômbia, o rugido do jaguar é associado ao trovão e ao relâmpago, forças fertilizadoras (Saunders, 1998). [...] Na América indígena, além disso, o termo jaguar é também uma qualidade, significando "feroz" (Vander Velden, 2009). Animais, plantas, objetos e pessoas podem ter seu lado jaguar. Numa história muito famosa, Cunhambebe, o grande chefe indígena, oferece um pedaço de carne humana moqueada a Hans Staden, o prisioneiro alemão dos Tupinambá, que recusa dizendo: "Se nem mesmo um animal irracional come seu semelhante, um homem deveria comer outro homem?" Ao que Cunhambebe responde: "Eu sou um jaguar". (SUSSEKIND, 2018: 86)

Caso particularmente emblemático do poder de representatividade dos animais na cultura militar é o "Orungan". Trata-se de figura descrita como aquiliforme por seu criador, o artista plástico baiano Mário Cravo Junior (1923-2018)[8], para representar um arquétipo pré-existente na cultura Iorubá, mas que não tinha representação gráfica. Filho de Aganju, "a montanha que resiste ao vento", e de uma Iemanjá primordial, conta seu ciclo mitológico que Orungan teria perseguido e violentado sua mãe, vindo por isso a representar a predação do elemento aquático (navios) pelo elemento aéreo (avião). O esquadrão que o leva por emblema tem como função exatamente a batalha contra navios e submarinos e estava, na época da criação de sua bolacha, sediado em Salvador, BA, onde a cultura Iorubá era – e ainda é – critério de pertinência social entre os de maior peso.

PRANDI (2001) refere que Orungan teria desaparecido do panteão africano, remanescendo apenas em pontos isolados da "Santería" cubana, mas como história, sem culto.

7. Figura alegórica da força e da coragem militares postos ao serviço do direito. (N. dos A.)

8. https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5514/mario-cravo-junior.

> Da união entre Obatalá, o Céu, e Odudua, a Terra, nasceram Aganju, a Terra Firme, e Iemanjá, as Águas. Desposando seu irmão Aganju, Iemanjá deu à luz Orungã. Orungã nutriu pela mãe incestuoso amor. Um dia, aproveitando-se da ausência do pai, Orungã raptou e violentou Iemanjá. Aflita e entregue a total desespero, Iemanjá desprendeu-se dos braços do filho incestuoso e fugiu.
> Perseguiu-a Orungã. Quando ele estava prestes a apanhá-la, Iemanjá caiu desfalecida e cresceu-lhe desmesuradamente o corpo, como se suas formas se transformassem em vales, montes, serras. De seus seios enormes como duas montanhas nasceram dois rios, que adiante se reuniram numa só lagoa, originando mais adiante o mar. O ventre descomunal de Iemanjá se rompeu e dele nasceram os orixás. (PRANDI, 2001)

Mário Cravo Junior (ALAMINO, 2012) deu a "Orungan" forma de águia antropóide com quatro braços para representar as quatro fases do combate aos alvos militares navais, legando, ademais, à posteridade um exemplo do poder de representação dos arquétipos zoomorfos e de sua intricada relação com o arcabouço cultural das sociedades. O exemplo também ilustra a conexão entre a unidade aérea e a cultura da cidade na qual é sediada. Uma coisa é ilustrar na bolacha um animal ou planta típicos, outra mais séria é encontrar – ou criar – uma imagem zoomorfa que conecte a unidade aérea com níveis mais profundos da identidade social, como cultura e religião. Se essa conexão fosse feita por meio de um animal endêmico da região, não deveria causar surpresa. Essa vem do fato de que seja mítico o ser em comento, construída sua representação e que o substrato simbólico no qual se apoia essa representação seja zoomorfo. O ser humano percebe meta-características em campos que vão além da aparência direta e é significativo da relação entre a humanidade e a natureza que os animais sejam fonte de tal forma abundante de material iconográfico.

Comentários acerca dos animais representados nas bolachas

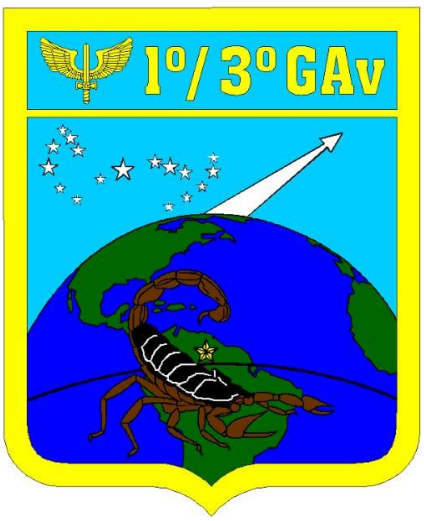
Apresenta-se aqui um sumário da representatividade dos animais descritos.

- Invertebrados

▪ Aranha e teia – GCC. A teia da aranha (ordem Araneae) representa o controle do ambiente circundante (Figura 6).

▪ Escorpião – 1º/3º GAv. O escorpião (ordem Scorpiones) representa a agressividade (Figura 6).

A



B

Figura 6. Aracnídeos. **A**– Escorpião; **B**– aranha (fonte: INCAER, 2021).

- Vertebrados

▪ Répteis. Tracajá – ETA 1. O tracajá, *Podocnemis unifilis* Troschel, 1848 (classe Reptilia) é uma espécie de cágado comum na Amazônia. Representa a confiabilidade na marcha (Figura 7).

Figura 7. Réptil. O tracajá, *Podocnemis unifilis* (fonte: INCAER, 2021).

▪ Aves (Figuras 8-9). São representadas em 43 bolachas, constituindo a maioria das bolachas. Por sua altivez e representação inconsciente da plenitude e do domínio do voo, os Accipitriformes e Falconiformes (águias, falcões e gaviões) são representados com maior frequência. Também ocorrem Charadriiformes [quero-quero, *Vanellus chilensis* (Molina, 1782)]; Columbiformes (pombo, *Columbia livia* Gmelin, 1789); Passeriformes [galo-de-campina, *Paroaria dominicana* (Linnaeus, 1758)], joão-de-barro, *Furnarius rufus* (Gmelin, 1788); Pelecaniformes [garça-branca-grande, *Ardea alba* Linnaeus, 1758; guará, *Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758); pelicano, *Pelecanus occidentalis* Linnaeus, 1766]; Psittaciformes [arara, *Ara chloropterus* Gray, 1859; papagaio, *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758)]; Sphenisciformes [pinguim-de-magalhães, *Spheniscus magellanicus* (Forster, 1781)]; Strigiformes (coruja, não identificada); e Struthioniformes (avestruz, *Struthio* Linnaeus, 1758).

Destacam-se pelo significado histórico, desde a Segunda Guerra Mundial, batismo de fogo da recém-criada Força Aérea Brasileira, as representações do 1º/1º GAvCa, um avestruz (provavelmente *Struthio camelus* Linnaeus, 1758); do 1º/14º GAv, um papagaio (*Amazona aestiva*); do 2º/1º GAvCa, um pinguim (*Spheniscus magellanicus*); e do 2º/5º GAv, um avestruz e um pinguim.

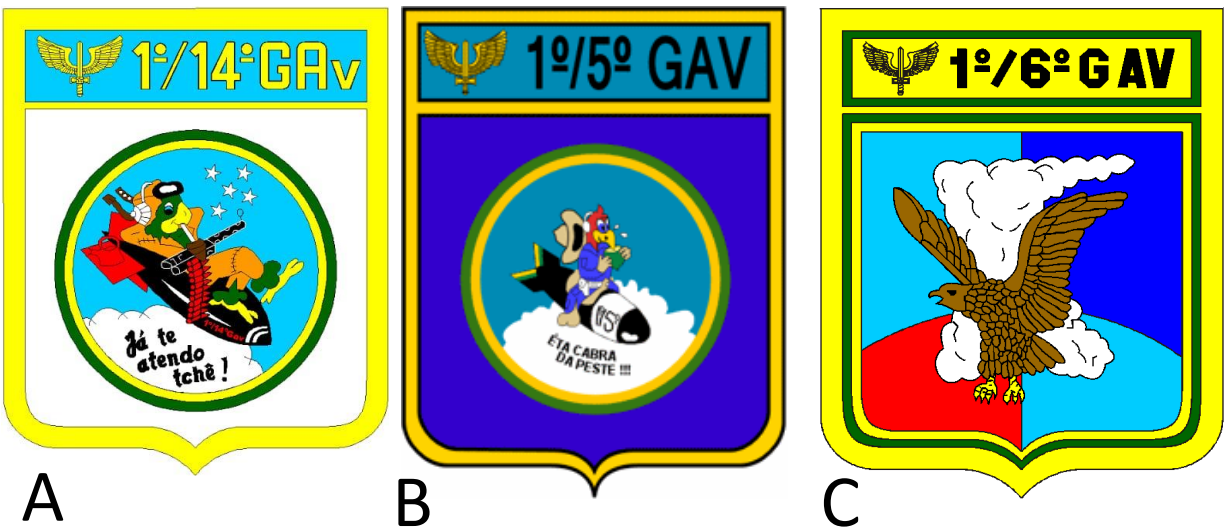


Figura 8. Aves. **A**– Papagaio (*Amazona aestiva*); **B**– galo-de-campina (*Paroaria dominicana*); **C**– carcará (*Caracara plancus*) (fonte: INCAER, 2021).

Figuras 9. Aves. **A**– Gavião-real (*Harpia harpyja*); **B**– pelicano (*Pelecanus occidentalis*); **C**– arara (*Ara chloropterus*) (fonte: INCAER, 2021).

Arara – 1º/9º GAv. *Ara chloropterus*, ave característica na Amazônia.

Carcará – 3º/8º GAv, Parque de Material Aeronáutico de Recife (PAMARF). *Caracara plancus* Miller, 1777, ave característica e comum no nordeste do Brasil, representa a espreita, a prontidão, a vigilância e o alerta.

Coruja – Fazenda da Aeronáutica em Pirassununga (FAYS). Strigiformes, a escolha da coruja faz referência à preservação da fauna local do baixo rio Mogiguaçu (SP). As três pistas de pouso da Academia da Força Aérea demandam uma vasta área de segurança. Nessa área está sediada a FAYS, uma fazenda que ao mesmo tempo apoia com víveres a Academia da Força Aérea e preserva a fauna e flora nativas.

Galo-de-campina – 1º/5º GAv. *Paroaria dominicana*, ave característica do estado do nordeste brasileiro.

Garça – Prefeitura de Aeronáutica de Guaratinguetá e de Campo Grande (PAGW e PACG). *Ardea alba*, ave símbolo da cidade de Guaratinguetá (PAGW) e característica do Mato Grosso do Sul (PACG).

João-de-barro – PACG**.** *Furnarius rufus*, ave que, pela arquitetura do seu ninho, representa a moradia e o abrigo. Prefeituras Aeronáuticas são divisões administrativas encarregadas da gestão do patrimônio imobiliário. Encontram paralelo nas prefeituras dos campi universitários.

Guará – Prefeitura Aeronáutica de Alcântara – MA (PAAK). *Eudocimus ruber*, ave característica do litoral do Maranhão.

Harpia – 2º/6º GAv, Batalhão de Infantaria de Aeronáutica em Manaus (BINFAEMN), Quarto Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo (CINDACTA IV). *Harpia harpyja* Linnaeus, 1758, ave com visão penetrante, característica da Amazônia, representa vigilância e percepção a longa distância.

Pombo – SEGECAE. *Columba livia*, ave símbolo do serviço de correspondência.

Pelicano – 2º/10º GAv. *Pelecanus occidentalis*, representa abnegação no sentido do Pelicano eucarístico.

Quero-quero – CINDACTA II. *Vanellus chilensis*, ave de grande ocorrência da biota na qual se encontram as instalações da unidade militar.

▪ Mamíferos

Boi – FAYS. *Bos taurus* Linnaeus, 1758, representa a pecuária na região da unidade militar (ver observação sobre a coruja). As três pistas de pouso da Academia da Força Aérea demandam uma vasta área de segurança.

Nessa área está sediada a FAYS, uma fazenda que ao mesmo tempo apoia com víveres a Academia da Força Aérea e preserva a fauna e flora nativas. A coruja participa da bolacha como representante do cuidado como o bioma natural, tendo ao seu lado o boi, aqui representante da pecuária (não necessariamente ou exclusivamente bovina). Em conjunto significam exploração responsável dos recursos naturais.

Cão – 1º/4º GAv e 2º Esquadrão de Transporte Aéreo (ETA 2). *Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758, o cão representa guarda (vigilância) e adestramento.

Jaguar, onça, pantera (Figura 10) – 1º GDA, 1º/15º GAv, 5º/8º GAv. *Panthera onca* representa a força do predador e faz alusão ao mamífero característico do pantanal matogrossense (1º/15º GAv).

Figura 10. *Panthera onca* em três variantes, como percebidas por três diferentes unidades aéreas. **A-** Jaguar; **B-** pantera; **C-** onça (Fonte: INCAER, 2021).

Análise dos arquétipos zoomórficos – três aspectos da iconografia

As representações encontradas podem ser descritas à luz de três macro razões: (1) Animais endêmicos da região onde se encontra a Unidade Militar; (2) Tradição, razões históricas; (3) Comportamento ou capacidade do animal que remetem a valores como nobreza, coragem, pioneirismo;

Animais endêmicos da região onde se encontra a Unidade Militar

As Forças Armadas recrutam seus militares em todos os rincões do Brasil. Não há expectativa, formal ou fundada no costume, de que militares venham a servir nos seus locais de origem. A fauna local chama a atenção dos que vêm de longe por seu aparente exotismo.

É comum que as áreas militares se tornem a última reserva de vegetação nativa nas grandes cidades. Na figura 11, o mapa da Ilha do Governador (Rio de Janeiro), região paradigmática do que ocorre em maior ou menor grau nas demais Bases Aéreas da FAB.

Especialmente nas grandes cidades, a ocupação humana expulsa a fauna nativa (quando essa ainda existe) para esses últimos bolsões menos antropizados, com dois efeitos que interessam a este artigo: favorece-se o contato dos militares com espécies que, na ordem natural, seriam selvagens e arredias e cria-se nesses militares a percepção do valor da preservação dessas espécies.

Compare-se, para juízo qualitativo, nas figuras a seguir, as áreas preservadas da Base Aérea de Canoas com o Parque Eduardo Gomes e da Base Aérea de Recife com o Parque Histórico Nacional dos Guararapes (Figura 12).

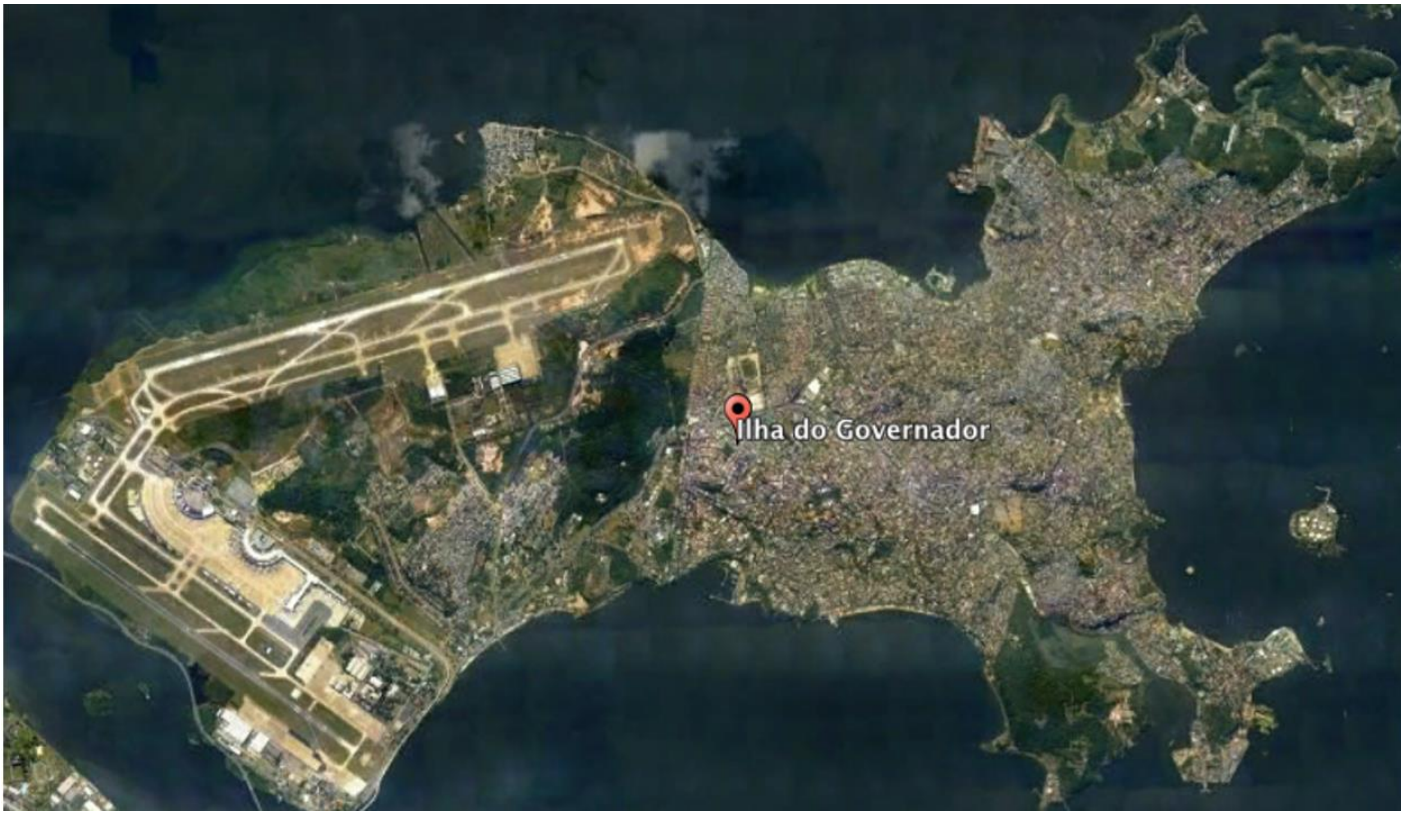
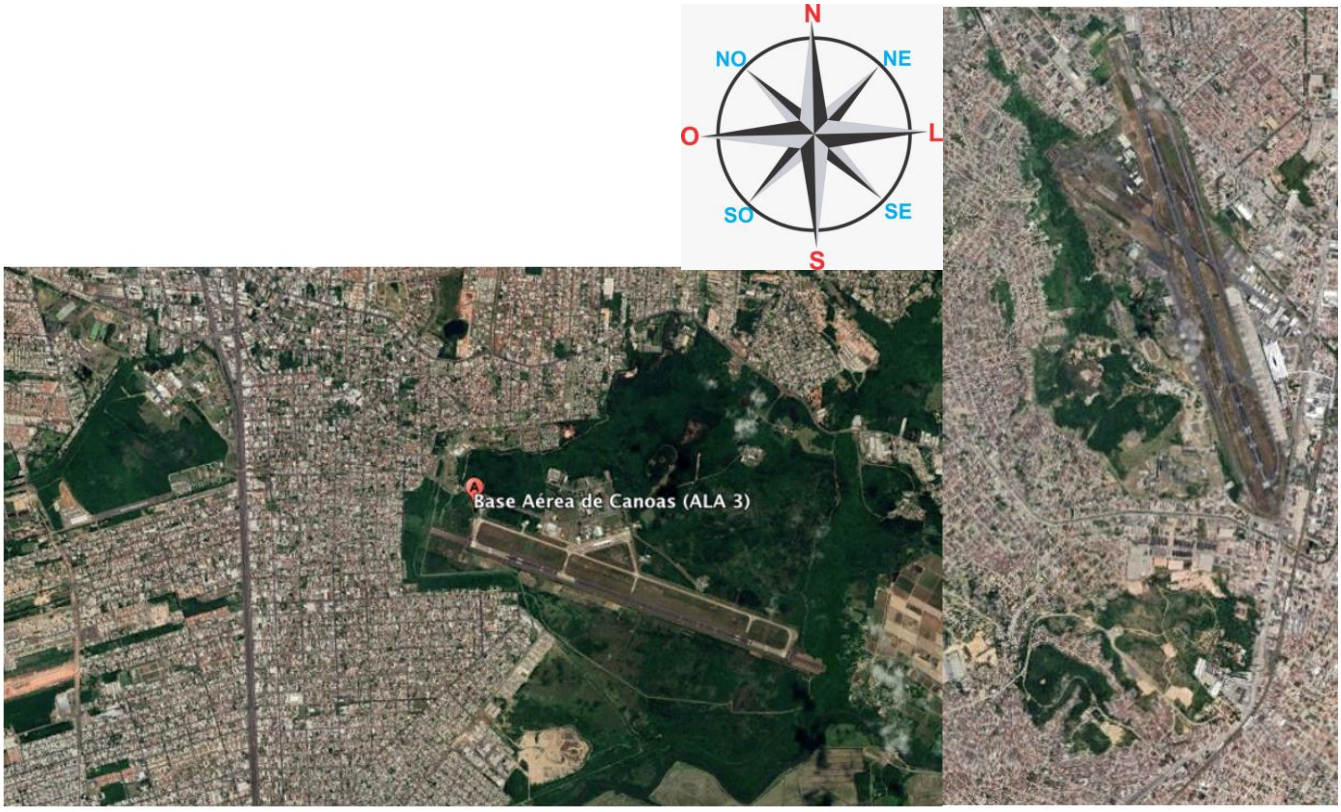


Figura 11. Ilha do Governador, Rio de Janeiro RJ. As poucas áreas em verde correspondem a áreas da União, que abrigam unidades da Força Aérea Brasileira (centro e oeste) e da Marinha do Brasil (nordeste e sudeste) (fonte: GOOGLE EARTH).



Figuras 12. Base Aérea de Canoas e Parque Eduardo Gomes (esquerda); Base Aérea do Recife e Parque Histórico Nacional dos Guararapes (direita) (fonte: GOOGLE EARTH) (as imagens não estão na mesma escala).

Tradição ou razões históricas

Trata-se aqui de razões históricas de símbolos identitários. O que importa no caso em lide é perceber a presença de animais, seu comportamento e características entre as razões históricas, em preterição de outros tantos símbolos possíveis. Vejam-se os exemplos do avestruz, do pinguim e da bolacha que os une na mesma "cena".

Na Segunda Guerra Mundial, o Brasil recebeu aviões dos Estados Unidos, o que requereu a ida de tripulações brasileiras àquele país. Sem conhecer a cultura e, principalmente, a gastronomia do lugar, nossos militares teriam criado fama de pouca seletividade à mesa. Alguém identificou nesse comportamento o avestruz. E a ave tornou-se o símbolo daquele esquadrão, que se conserva até os nossos dias, conforme relata o Maj. Brig. Fortunato Câmara de Oliveira, o então "Ten. Fortunato" já referenciado.

> "Nós precisamos bolar o nosso símbolo", e na discussão, disseram: "A coisa que mais nos caracteriza aqui é o fato de nós sermos 'avestruzes', comendo essas coisas". Todos acharam uma boa ideia, e ficou a pergunta: "Quem é mais parecido com avestruz aqui?". "O Lima Mendes", concordou o grupo. Aí eu pedi para o Lima Mendes posar um pouquinho, fiz a caricatura dele, depois adaptei a cara do avestruz e acrescentei as cores, tudo com um significado especial." (CASTRO, 1999)

Já o pinguim, ave que não voa por ter asas curtas, teria sido referência a um artifício encontrado para o treinamento de jovens pilotos, que consistia em fazê-los manobrar no chão aviões cujas asas haviam sido cortadas. Tornou-se símbolo do piloto aprendiz. Junto do avestruz, identifica um esquadrão de instrução aérea - o avestruz, nesse caso, representando o instrutor experiente, herdeiro da história daqueles que "comeram de tudo" nos primórdios do esquadrão.

Comportamento ou capacidade do animal

Uma força armada é o instrumento do Estado destinado à projeção do seu poder. A sociedade confere ao Estado o monopólio da violência justa e sob condições de contorno constitucionais. Assim, verifica-se que valores cultivados na simbologia se voltam a:
- Coragem (grandes felinos);
- Poder de ataque (aves de rapina);
- Capacidade de eliminar o oponente (escorpião, basilisco);
- Superioridade física (grandes felinos);
- Controle do espírito elevado sobre os instintos (cavalo alado);
- Domínio do humano sobre o bestial ou, por extensão, sobre a máquina (centauro).

Nesse prisma, encontram-se animais no topo da cadeia alimentar, bem como a prevalência de aves, referência ao voo, sendo que vinte e nove (29) bolachas ostentam uma ave de rapina (Tabela 1). Aparecem também o pombo, como representação do correio, o pelicano, representando a abnegação, e outras exceções em unidades de características de emprego bastante específicas.

O animal mitológico ou imaginário que empresta a figura ao símbolo não possui necessariamente comportamento ou características reais. Seu comportamento é aquele sedimentado pela percepção, pela iconografia formal ou informal, pela tradição artística. Sob esse critério, igualam-se o grifo mitológico e a águia em sua agressividade, o escorpião e o basilisco no caráter fulminante de seus venenos, reais ou não. Os valores representados poderiam ser evocados através de quaisquer símbolos. O que importa a este trabalho é identificar que o ser humano recorre justamente a arquétipos animais e não a outros, sejam esses animais reais ou mitológicos.

Veja-se o caso do pelicano, ave símbolo do 2º/10º GAv, especializado em Busca e Salvamento. O voo, atividade intrinsecamente mais perigosa que o andar no chão, um pé após o outro, alcança relação aceitável entre risco e benefício ao adotar estratégias de mitigação do risco, como estrito controle das variáveis envolvidas, ambientais, humanas, mecânicas. Se há necessidade de buscar e resgatar algum acidentado, é

porque esse controle já foi comprometido. Existe alguém em condições potencialmente precárias de saúde em local sem pista de pouso, sob condições meteorológicas que não permitem escolha. O resgate pode depender de abertura de uma clareira no meio da mata, suficiente apenas para a operação marginal do helicóptero. Clareira maior tomaria mais tempo e há vidas dessangrando-se. A sacrossanta segurança da operação aérea, e por consequência, o controle do risco à integridade física da tripulação, são sacrificados em prol de valor maior, a vida de outrem. Por isso a adoção do lema "para que outros possam viver", já citado acima, e do pelicano eucarístico como bolacha.

Já o pelicano eucarístico é imagem centenária aproveitada pelo Esquadrão. É usado pela iconografia cristã como analogia ao "Salvador", na medida em que oferece aos seus filhotes o próprio sangue, como Jesus deu seu corpo e sangue em sacrifício pela salvação da humanidade. O pelicano-real, *Pelecanus occidentalis*, tomado como modelo pelos artistas, não adota esse comportamento na natureza. O pelicano eucarístico é tradicionalmente representado em posição de ferir o próprio peito com o bico, posição que este da bolacha não adota.

CIRLOT (1992) e JUNG (2000) referem-se a símbolos de significação universal e que poderiam ser recrutados por qualquer grupo social, pouco importando que fosse ou não uma Força Armada. Tais símbolos foram incorporados pela heráldica e pela simbologia leiga. Assim, o leão aponta para a nobreza, a águia para a velocidade e assim por diante. O presente trabalho, onde conceitos heráldicos não foram fruto de discussão, teve como fulcro a escolha de animais como figuras simbólicas em detrimento de outras possíveis. Se a escolha de algum motivo animal se deu por seu significado na tradição heráldica, o argumento principal não resta invalidado. Ao contrário, que o valor atribuído ao animal seja universalmente reconhecido só faz reforçar o argumento de CIRLOT (1992) no sentido de que os animais são parte importante na vida humana, seja em sua dimensão objetiva mais concreta, seja nas dimensões mais sutis da vida psicológica e social.

Conclusão

Neste trabalho foram examinadas 62 bolachas cujas imagens foram identificadas em 50 táxons animais (18 dos quais identificados em nível da espécie) e 12 animais, classificados como mitológicos, identificados em oito arquétipos, usados como elementos iconográficos em emblemas na Força Aérea Brasileira.

O presente estudo presta-se também a fornecer subsídios para trabalhos futuros, acerca da iconografia em si e suas inter-relações com outras áreas do conhecimento. Acadêmicos, iniciantes ou não, têm no levantamento de arquétipos e das representações – fáticas ou mitológicas – oportunidades para a significação científica e cultural.

A escolha dos animais perpassa questões geográficas, antropológicas e, principalmente, expressa o arcabouço cultural presente em uma força armada. Força esta que valer-se-á da identificação com símbolos para evocar valores associados à missão atribuída, à sua localização geográfica ou a razões históricas. Signos sociais de coragem, perseverança, força e solidariedade, por exemplo, encontram-se representados nas bolachas da FAB por meio de significantes pertencentes ao mundo animal.

Não haveria sociedade sem cão, sem ave, sem boi, sem cavalo e sem tudo o que sabemos – ou acreditamos – sobre o cão, a ave, o boi, o cavalo. Tampouco haveria cultura sem os animais. As sociedades percebem de maneiras diversas as contribuições dos animais às suas existências, seja no ambiente físico imediato, seja em níveis mais complexos da organização dessas sociedades sobre a Terra. O ser humano vive em um mundo que não se encerra na dimensão física. Há o simbólico, o psicológico, o social e, nesse arcabouço cultural, os animais agregam outras dimensões. Assim, as sociedades armazenam no inconsciente coletivo esse aprendizado, geração após geração e, geração após geração, transmitem às suas descendências tal conhecimento do mundo. A representação simbólica é ferramenta dessa transmissão e os animais são parte importante desse processo.

Agradecimentos

Às colegas professoras Dra. Cássia Helena Pereira Lima (CNEN) e Dra. Heloisa Sinatora Miranda (UnB) pela revisão do texto e valiosas sugestões. Aos revisores anônimos pela revisão criteriosa do manuscrito.

À Turma Tucano (EPCAR 79/AFA 82) berço dos três autores, que congrega mais de 300 militares e civis, hoje atuando nos mais diversos campos de atividades e conhecimentos. Sua mera existência é parte nuclear das nossas personalidades e de tudo o mais que sobre elas venha a fundamentar-se. Nesse "berço" frutificaram conhecimentos, amalgamou-se um forte espírito de grupo, famílias foram unidas pelos laços da amizade. Nessa mesma turma, brotou a ideia de escrita deste trabalho, que agora resta finalizado após prazerosas discussões. Este artigo também é uma homenagem a vocês.

Referências

ALAMINO, A.C. 2012. **Esquadrão Orungan**. Juliart.

BRANDÃO, J.S. 2000. **Mitologia grega**. Vozes.

BRASIL. 2021. **Manual de identidade visual da Força Aérea Brasileira** [on-line]. Disponível em: https://www.fab.mil.br/manual_marca/download/MANUAL_DA_MARCA_FAB_30_01_18.pdf. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

CASCUDO, L.C. 1983. **Civilização e cultura**. Itatiaia.

CASTRO, E. 1999. **Senta a pua! Documentário**. RioFilme [on-line]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5DTROkLVpM4&ab_channel=NaTelinha. Acesso em: 31 janeiro de 2021.

CIRLOT, J.E. 1992. **Diccionario de símbolos**. Centauro.

CODÁ, V.; TRINDADE, D.P.; DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2018. A fauna brasileira presente em adesivos de grupos de motociclistas no município de Piraí, RJ. *In*: **Anais do VII Simpósio sobre a Biodiversidade da Mata Atlântica**, p. 483-488.

DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2016. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. *In*: DA-SILVA, E.R.; PASSOS, M.I.S.; AGUIAR, V.M.; LESSA, C.S.S. & COELHO, L.B.N. (ed.), **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**. UNIRIO, p. 24-34.

GEERTZ, C. 2008. **A Interpretação das culturas**. LTC.

INCAER. 2021. **Heráldica** [on-line]. Disponível em: https://www2.fab.mil.br/incaer/index.php/heraldica-siscult. Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

JUNG, C.G. 2000. **Os arquétipos e o inconsciente.** Vozes.

JUNG, C.G. 2016. **O homem e seus símbolos**. *Nova Fronteira*.

PAPAVERO, N. 2017. Nomes populares conferidos à *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) (Mammalia, Carnivora, Felidae) no Brasil. **Arquivos de Zoologia 48** (2): 37-93.

PRANDI, R. 2001. **Mitologia dos orixás**. Cia das Letras.

REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO W.A & LIMA, I.P. 2006. **Mamíferos do Brasil.** Londrina.

SICK, H. 2001. **Ornitologia brasileira.** Nova Fronteira.

SUSSEKIND, F. 2018. O jaguar como signo de vida e morte. **Revista Brasileira de Psicanálise 52** (1): 85-97.

Publicado em 09-09-2021

DIGA NÃO À CAÇA

foto: foto: Tatiana Pongiluppi - monagem: Tainá Silva

A Bruxa, 2021
v. 5, n. 7, p. 142-144

ISSN 2594-8245

www.revistaabruxa.com
Rio de Janeiro, RJ

Resenha de livro

Tardígrados animados!

Regina Esther Maciel Teixeira Prazeres de Assis

Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
regnamaciel3@gmail.com

A produção intitulada TARDÍGRADOS: EXTRAORDINÁRIOS E SUPER PODEROSOS (ISBN 978-65-00-26028-1) (Figura 1) trabalha as características peculiares de organismos microscópicos de forma descontraída. A responsável pela publicação foi a editora NUPEM, do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUPEM/UFRJ); o livro eletrônico está disponível para o download gratuito através do link no site da própria editora. Os autores são Nathália Vinhas (também ilustradora), Caio Henrique Cutrim e Vinícius Albano, sendo os dois últimos responsáveis pela criação, diagramação e editoração eletrônica (RIVERA, 2021).

Figura 1. TARDÍGRADOS: EXTRAORDINÁRIOS E SUPER PODEROSOS. À esquerda, imagem da capa do livro. À direita, imagem promocional de lançamento do livro. Fonte: RIVERA (2021).

O prefácio do livro faz uma breve exposição das características biológicas do animal e sua taxonomia, enfatizando a diversidade de organismos existentes no grupo ao qual pertence e sua importância (VINHAS *et al*., 2021). O livro é fruto do projeto INSETVIDAS, do NUPEM\UFRJ, voltado para divulgação dos benefícios e papéis desempenhados por insetos e outros organismos associados nos ecossistemas, buscando a desmistificação de crenças que são prejudiciais à biodiversidade. No site do projeto, estão ainda disponíveis outros materiais desenvolvidos pela equipe (INSETVIDAS, 2021).

Ao longo da narrativa os autores apresentam os aspectos peculiares dos tardígrados (Tardigrada), nomeando-os como sendo superpoderosos, em cenários descontraídos. A história faz algumas comparações entre as situações toleradas pelos animais e outros seres vivos. Os principais personagens tardígrados, de diferentes cores e tamanhos, respeitam o aspecto geral encontrado em espécimes reais. Dentro do enredo há referências a questões ligadas ao dimorfismo sexual observado no grupo, hábitat, deposição de ovos, dormência, entre outros.

A estruturação - mesclando perguntas, respostas e afirmações dos personagens - cria uma dinâmica envolvente que estimula a leitura, pois a sensação é de que os pequenos seres estão expondo suas vidas. As ilustrações coerentes e divertidas enriquecem a experiência do leitor, que é convidado a viajar com Amendoim e seus amiguinhos, enquanto eles contam sobre suas aventuras (Figura 2). O livro também propõe uma reflexão sobre a infinidade de seres invisíveis e desconhecidos que dividem o planeta conosco. Além da necessidade de preservação da integridade das fontes hídricas, enfatizando a interconexão entre os seres.

Figura 2. Ilustrações de TARDÍGRADOS: EXTRAORDINÁRIOS E SUPER PODEROSOS. Fonte: VINHAS *et al*. (2021).

A escolha de alguns termos técnicos que exigirão pesquisas sobre seus respectivos significados não prejudica a narrativa, pelo contrário, são mais uma oportunidade para explorar. Apenas a título de exemplificação, o livro está plenamente dentro das exigências de um recente edital para publicação de obras literárias, inclusive para o público infantil (SEDUC/SE, 2021), sendo claro, objetivo e informativo, podendo representar uma ferramenta de estímulo à aprendizagem e desenvolvimento.

Agradecimentos

Ao docente Elidiomar Ribeiro da Silva (UNIRIO) pela ideia, revisão ortográfica e incentivo.

Referências

INSETVIDAS. 2021. **Projeto InsetVidas** [on-line]. Disponível em: https://www.flowcode.com/page/Insetvidas. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

RIVERA, R. 2021. **A Editora NUPEM lança mais um livro para sua nova série de educação ambiental infantil** [on-line]. Disponível em: https://nupem.ufrj.br/a-editora-nupem-lanca-mais-um-livro-para-sua-nova-serie-de-educacao-ambiental-infantil/. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

SEDUC\SE - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA DE SERGIPE. 2021. **EDITAL Nº 21/2021/GS/SEDUC de 07 de junho de 2021** [on-line]. Disponível em: https://siae.seduc.se.gov.br/siae.servicefile/api/File/Downloads/ef19e7d2-3d9c-4e52-925a-3021d4101a25. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

VINHAS, N.; CUTRIM, C.H. & ALBANO, V. 2021. **Tardígrados: extraordinários e super poderosos**. Editora NUPEM.

Publicado em 09-09-2021

Quer ter seu livro resenhado pela equipe de A BRUXA?
Entre em contato conosco: rab.submissao@gmail.com

foto e montagem: Tainá Silva